

I

O retrato do artista aos cinquenta anos

Pode acontecer que nos próximos cem anos os romancistas ingleses contemporâneos venham a ser julgados da mesma maneira que hoje julgamos os artistas do século XVIII. Os grandes criadores, os homens exuberantes, desapareceram para dar lugar a uma geração que floresce modestamente e se notabiliza pela elegância e variedade de concepções. Pode muito bem acontecer que se sigam anos improdutivos e de tal modo que a posteridade se debruce sequiosamente sobre a nossa época em que há tanta vontade e tanto jeito de agradar.

Entre os romancistas contemporâneos, o Sr. Gilbert Pinfold ocupava um lugar de destaque. Aquando da sua aventura literária, na idade de cinquenta anos, já escrevera uma dezena de livros e ainda continuava a haver quem os comprasse e lesse. Tinham sido traduzidos para quase todas as línguas e nos Estados Unidos da América gozavam de uma popularidade nem sempre constante mas todavia lucrativa. Estudantes estrangeiros escolhiam-no muitas vezes como tema das suas teses, e aqueles que procuravam descobrir um significado cósmico na obra de Pinfold, ou relacioná-la com as filosofias da moda, situações sociais ou tensões psicológicas, ficavam desorientados com as curtas e francas respostas aos seus questionários. Outros que frequentavam os mesmos cursos de Literatura Inglesa, mas tinham escolhido escritores mais egocêntricos, deparavam, com surpresa com as suas teses já meio elaboradas.



O Sr. Pinfold nada revelava. Não que fosse um homem reservado ou, por natureza, tivesse má vontade, mas na verdade nada tinha para oferecer a esses estudantes. Considerava os seus livros como objecto que criara, coisas bastante fora de si próprio, para serem usados e julgados por outros. Tinha-os por bem feitos, melhores até que muitas obras com fama de geniais, contudo não se sentia envaidecido com aquilo que realizara e ainda menos com a sua reputação. Não desejava obliterar coisa alguma do que já escrevera, mas no entanto gostaria de poder rever as suas obras. Sempre invejara os pintores que podiam constantemente voltar ao mesmo tema, esclarecendo-o e enriquecendo-o até esgotarem todas as suas possibilidades. O romancista, pelo contrário, estava condenado a criar uma série de temas originais; novos nomes para as personagens, novos incidentes para os seus enredos, novos ambientes; mas o Sr. Pinfold acreditava que a maior parte dos homens tinha em si apenas o germe de um ou dois livros, o resto era tudo só habilidade profissional, até grandes mestres intuitivos — como Dickens e Balzac — disso foram flagrantemente culpados.

No começo do quinquagésimo primeiro ano da sua vida o Sr. Pinfold apresentava ao mundo quase todos os atributos que faziam dele um homem bem instalado na vida. Fora carinhoso, ousado e activo na meninice; esbanjador e muitas vezes desesperado na juventude; resoluto e próspero quando já homem feito, e aos cinquenta anos degenerara menos que muitos dos seus contemporâneos. Atribuía esta superioridade à vida solitária e tranquila passada em Lychpole, uma vila retirada, a uma centena de milhas de Londres.

A mulher, a quem era muito dedicado, alguns anos mais nova, cuidava activamente da sua pequena propriedade. Os filhos, bastante numerosos, eram saudáveis, bem-parecidos e com boas maneiras; o seu rendimento chegava à justa para os educar. Noutros tempos viajara bastante; agora passava a maior parte do tempo na sua modesta e velha casa que através dos anos enchera com quadros, livros e mobília a seu gosto. Como soldado sofrera com optimismo muito desconforto e algum perigo. Depois de acabada a guerra, a sua vida fora estritamente privada. Na vila onde vivia levava muito pouco a sério os deveres que poderia julgar serem obrigatórios. Contribuía com somas adequadas para a beneficên-

cia mas não tinha interesse nem pelo desporto nem pela administração local, nem tão-pouco sentia ambição de alguma vez dirigir ou comandar. Nunca votara em eleições parlamentares, mantinha um «torismo» idiossincrásico que não tinha representação nos partidos políticos do seu tempo, e que era considerado pelos seus vizinhos como sendo quase tão sinistro como o socialismo.

Estes vizinhos eram típicos provincianos ingleses daquela época. Alguns, de entre os ricos, dedicavam-se em larga escala à exploração comercial da agricultura; outros tinham os seus negócios em sítios diferentes, voltando apenas para caçar. A maioria era gente de meia-idade que não vivia com muito desafogo; pessoas que, aquando da chegada dos Pinfold a Lychpole, levavam uma vida confortável com criados e cavalos e agora se limitavam a viver em casas mais pequenas e a encontrarem-se na peixaria. Muitos destes eram aparentados uns com outros, formando um pequeno e compacto clã. O coronel e a senhora Bagnold, o senhor e a senhora Graves e a senhora e a menina Fawdle, o coronel e a menina Garbett, Lady Fawdle-Upton e a menina Clarisse Bagnold viviam a menos de dez milhas de Lychpole. Eram de qualquer modo aparentados uns dos outros. Nos primeiros anos, depois do seu casamento, o Sr. e a senhora Pinfold tinham jantado em casa de todos eles e por sua vez tinham-nos recebido também na sua. Mas depois da guerra, o declínio das fortunas, menos grave no caso dos Pinfolds que no dos seus vizinhos, fizera que as reuniões sociais se tornassem menos frequentes. Os Pinfolds gostavam de pôr alcunhas. Cada um dos membros destas famílias vizinhas tinha um nome muito particular e por eles ignorado, que não era malicioso mas ligeiramente irrisório, com origem, na maior parte dos casos, em algum incidente do passado já meio esquecido. O vizinho mais próximo e que maior número de vezes encontravam era Reginald Graves-Upton, um tio dos Graves-Uptons que viviam a dez milhas de distância em UpperMewling; um solteirão gentil que cuidava de abelhas e habitava uma casa coberta de colmo ao cimo da azinhaga, a menos de uma milha do solar. Era seu costume, aos domingos de manhã, quando ia visitar a igreja, atravessar os campos dos Pinfolds e deixar o seu cão, um Cairn *terrier*, nos estábulos dos Pinfolds, enquanto assistia às matinas. Quando voltava a bus-

car o cão ficava durante um quarto de hora, aceitava um pequeno copo de *sherry* e relatava os programas da rádio que ouvira durante a semana. Este cortês, fastidioso e velho cavalheiro tinha o nome secreto de «Triturador», que algumas vezes variava para «Maçador», «Amachucador» e «Velho Murros», tudo cognomes derivados de «Caixa», pois juntara aos seus parques interesses um objecto a que ele, com toda a reverência, se referia como «A Caixa».

Essa Caixa era uma das muitas que ao tempo existiam em várias partes do país. Fora instalada, apesar do cepticismo do sobrinho e da sobrinha de Reginald Graves-Upton, em Upper Mewling. A senhora Pinfold, que foi levada a contemplá-la, disse parecer-se com um aparelho de telefonia. Na opinião do «Triturador» e de outros devotos, A Caixa tinha poder diagnóstico e terapêutico. Bastava que a partícula de um homem doente ou animal — um cabelo, uma gota de sangue, de preferência — fosse trazida à Caixa, para que esta, regulada pelo seu guardião e operador, sintonizasse com as «ondas vitais» do paciente e imediatamente encontrasse a origem da doença e prescrevesse um tratamento.

O Sr. Pinfold era tão céptico como os jovens Graves-Uptons. Todavia a senhora Pinfold pensava que devia haver qualquer *coisa*, pois já fora experimentada — sem o seu conhecimento — na urticária de Lady Fawdle-Upton, trazendo alívio imediato.

— É tudo sugestão — disse a jovem senhora Graves-Upton.

— Não pode ter sido sugestão, pois foi sem o seu conhecimento — disse o senhor Pinfold.

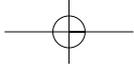
— Não. Trata-se apenas de medir as ondas vitais — disse a senhora Pinfold.

— Um invento extremamente perigoso nas mãos de ignorantes — disse o senhor Pinfold.

— Não, não. Aí é que está a beleza do invento. Não pode fazer mal algum. Bem vêes que só transmite ondas vitais. A Fanny Graves experimentou-a no cão quando este andava doente com lombrigas mas elas tornaram-se enormes por causa da tal força vital. Pareciam serpentes, disse a Fanny.

— Parece-me que essa Caixa tem mas é bruxedo — disse o Sr. Pinfold à mulher quando estavam sozinhos. — Tens de confessá-lo.

— Estás convencido disso?



— Não. Claro que não. É uma série de disparates inofensivos.

A religião dos Pinfolds provocava uma pequena mas contudo perceptível barreira entre eles e os vizinhos, cujos interesses e actividades andavam muito ligados às igrejas da sua paróquia. Os Pinfolds eram Católicos Romanos; a senhora Pinfold por educação e o Sr. Pinfold por evolução. Fora recebido na Igreja — não se tratava de «conversão», porque esta sugere um acontecimento mais súbito e emocional do que a sua calma aceitação dos princípios da fé — quando já homem, na mesma altura em que muitos ingleses de educação cristã caíam no comunismo. Ao contrário desses, o Sr. Pinfold ficara firme. Mas por isso mesmo tinha maior reputação de intolerante que de piedoso. A sua profissão, por natureza propensa à condenação do clero, era considerada, na melhor das hipóteses, frívola; na pior, corruptora. Além disso, em confronto com os horizontes limitados da época, os seus hábitos de vida eram demasiado indulgentes consigo próprio, e às suas afirmações faltava prudência. E o Sr. Pinfold ainda mais se refugiava em si mesmo, na altura em que os dirigentes da sua Igreja exortavam os fiéis a emergir das catacumbas para o fórum, com o fim de afirmarem a sua influência na democracia e de encararem a adoração mais como um acto colectivo que privado. Longe da sua paróquia, o Sr. Pinfold procurava a missa menos frequentada; conservava-se sempre afastado das múltiplas organizações que tinham surgido para redimir os males do tempo.

Mas o Sr. Pinfold estava longe de não ter amigos, antes pelo contrário, tinha até muitos. Pessoas que com ele tinham envelhecido e que entre 1920 a 30 visitara constantemente; que entre 1940 e 50 vira com menos frequência — os homens no Clube Bellamy, as mulheres naquela meia dúzia de casas bonitas de Westminster e Belgravia para onde se refugiara o que restava da magnânima hospitalidade de uma época mais feliz.

Nos últimos anos não fizera mais amigos. Por vezes pensava descobrir uma leve frieza nos seus velhos companheiros. Eram sempre eles os primeiros a levantar-se para sair. Havia um em especial, Roger Stillingfleet, que outrora fora seu amigo íntimo

